

A espuma dos dias♦

Marcus André Vieira

O que a análise trouxe, em termos concretos, a meus dias? Em que mexeu com meu corpo? Considero que ela lhe trouxe uma satisfação extra. Não apenas um gozo “a mais”, mas um gozo imprevisto ou, como diz G. Rosa, “o leite que a vaca não prometeu”, o gozo do *sinthoma* (com th) nos termos de Lacan.¹

I

Para materializá-lo hoje, convoco o seguinte sonho, dos últimos tempos da análise:

Nosso avião havia caído no mar, estávamos na água eu e alguns imprecisos outros. Um outro avião vem a nosso socorro, dentro dele como num telão vejo um rei inca que virá nos salvar, mas o avião começa a cair, e tanto o avião quanto o grande guerreiro vão se encolhendo e transformando-se em brinquedos e é como terminam quando o avião cai na água. Quando a temida catástrofe se abate, descobrimos que tínhamos estado todo o tempo com a água pela cintura apenas. Durante todo o sonho o clima era de festa e o mais importante: batíamos antes a mão na água para não afundarmos e depois, com bastante barulho, apenas pelo prazer, splash, splash, splash!²

Nessa cena estão implícitos tantos elementos significativos de minha vida que não saberia decliná-los todos. Seu valor, porém, não é tanto o de ser um condensado de passados. Ela é para mim, sobretudo, a presentificação de uma matéria bruta constante em todos estes acontecimentos históricos e que a todos deu o lastro.

É essa que Lacan chama *sinthoma*, como substância gozante, espessura singular que atravessa uma vida sem nunca em um momento dado consistir inteiramente.³ Ele se materializa exatamente no ponto de encontro entre ar e água que as mãos fazem existir ao agitarem a superfície, aquela bagunça confusa e indeterminada com água e ar para todos os lados.

O essencial quanto ao gozo do *sinthoma* é que a batida incessante da mão no mar ataca a água para nada. Não há ninguém a salvar. A gritaria não assinala nem um prazer que se busca, nem um encontro ruim. Ela só acontece.

Nessa alegoria que lhes proponho foi essa a satisfação extra que a análise me trouxe, a dessa barulhada em que se misturam gritos entre prazer e vertigem e a percussão das mãos na água.

Parece tão óbvio, vocês diriam, qualquer criança sabe desse prazer. Soube eu, então, de outro modo. Essa mão que bate, de novo e novamente, apesar de não agarrar nada, não deixa, em seu movimento incessante, de fisgar a vida. O que antes tomava como

♦ Redigido para a plenária “O corpo no final de análise” da XXIV Jornada da EBP-Rio, *O mal-entendido do corpo*, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 2015.

agitação dispersa passei a tomar, não só como um prazer a mais, mas como meu modo singular de me apegar à vida (que chamei em outros testemunhos de *mordidavida*).⁴

II

Dito o mais complicado, preciso dar um pouco mais de corpo à cena. A mão me conduz a meu pai, mas sobretudo, neste caso à minha mãe. A cena do sonho remetia a Outra cena, entre muitas, em que ela é a protagonista. É a seguinte.

Por volta dos seis anos empurro minha irmãzinha da borda da piscina para dentro da água que começa a se afogar. Minha mãe estende a mão para tentar agarrá-la e grita, ela que jamais elevava a voz, algo como um “não!” desesperado. Nada grave ocorreu, todos se jogaram na água e ela nem engasgou, mas posso ouvir aquele grito até hoje.

O grito e a mão estendida em direção à criança que cai me acompanharam por muito tempo. Encarnavam inicialmente o risco da perda em sua vertente trágica, de um mergulho sem volta nas profundezas obscuras da dor. Foram figurando a seguir mais e mais o impossível da vida sem perdas, o desespero humano diante do absoluto do Outro ausente, do Outro que não há. A vida é malfeita, não há, para o filhote de homem, a “mão que lava a outra”, não há como uma apertar a outra num encontro complementar. Não há, no real, relação.

A este real fui respondendo desde cedo com sua negação. Ofereci meu corpo agitado, batalhador para calar o grito do Outro e negar sua perda. Identificado com aqueles que se lançaram na água para salvar minha irmã, fui abafar o impossível do real com minha agitação viril pelo mundo. Em resposta à mão desesperada e seu grito vim oferecer minha mão de nadador que mergulhava na água, firme, para manter o corpo, em movimento, na superfície. Decidido a virar o mundo do avesso para ignorar o infinito das profundezas não percebia que me condenava a jamais parar de nadar para me manter na superfície do mar à minha volta.

De fato, diante do infinito do desencontro, sempre se pode afundar no abismo da devastação, ou manter a cabeça fora da água ao preço de uma luta infinita. O infinito das profundezas e o infinito da superfície são duas faces da mesma moeda, do impossível a que todos estamos sujeitos. Ele pôde encontrar outro lugar em minha vida graças à análise.

III

Voltando à cena do sonho. Reparem que na passagem das mãos de um elemento a outro, do ar à água e vice-versa, ela materializa não apenas o gozo sem sentido do *sinthoma*, mas também, seu espaço imprevisito, encarnado pela espuma. É um espaço “entre-dois”, nem um, nem outro. De fato, como dizer quando começa um e termina outro, ar e água, no branco da espuma?

Levar a sério o *sinthoma* é como levar a sério a brincadeira da espuma. É perceber que ela não é apenas coisa que diverte quando não se tem nada mais a fazer e que, ao contrário, sempre há espuma, mesmo quando nadamos ou mergulhamos. Enquanto buscamos consonância, ou lutamos por ela sem nunca alcançá-la, a vida apenas acontece, ali no entre-dois, em seu ruído incessante e sem fim.

O espaço híbrido da espuma é também infinito, mas não o mesmo. É incessante, mas aqui e agora, não se estende em direção a nenhum além. Resulta de dois mundos que se atravessam, mas não se complementam, nem se confundem. É o infinito do encontro desencontrado, entre um corpo e outro, ou entre um corpo e seu gozo.

No espaço desse entre-dois algo a mais pode se materializar e nem sempre é somente espuma. A materialização desse gozo foi o acontecimento *de* corpo que selou minha análise. No meu caso, descobri minha ação incessante de atravessamento que é como a mão irracional que mergulha e ressurge para em seguida mergulhar ainda outra vez e mais, sem porquê e que segue em infinita percussão na espuma dos meus dias (para lembrar Boris Vian).

O *sinthoma*, então, não é porto, nem de partida nem de chegada. Ele é só, como disse Lacan, litoral. Não está no obscuro do corpo, onde moram a imensidão da angústia, do amor ou da devastação; tampouco fora dele, na luta infinita pelo acordo com o mundo em suas vitórias e fracassos, mas entre eles. O importante não é nem voar, nem nadar, mas apenas viver ao máximo este espaço mágico de perturbação e mistura entre céu e mar, infinito litoral, fio de vida e linha do horizonte.⁵

IV

Para concluir, duas considerações de cunho mais geral.

Primeiramente, que espaço é esse do entre-dois? O dessa mistura tão humana de língua e gozo e que nos constitui? Lacan chamou-a de *lalíngua* para mostrar como o húmus linguageiro de que somos feitos pode tornar-se *língua* falada, servir à comunicação, mas é igualmente *lalação* a partir da mesma matéria, vida que se vive enquanto tentamos nos comunicar, mas sem destino de fala articulada.

Esse litoral de *lalíngua*, entre ruído e comunicação é também uma dimensão inabitual da vida do corpo, entre consistência e ausência, nem dentro, nem fora. Não é bem um acontecimento *do* corpo, nem *no* corpo, mas, como diz Freud para localizar o inconsciente: “entre os órgãos”.⁶ Apesar disso, meu sonho lembra como este espaço em nada é desértico, já que inclui um gozo híbrido que não é nem exatamente meu, nem do Outro, mas que pode ser tanto de um quanto de outro.

O corpo vivo é feito desse espaço confuso de *lalingua*, que é também espaço de encontro. Somos seres verdadeiramente falantes e não apenas falados quando conseguimos conservar essa opacidade híbrida em nossa própria fala, quando há *lalíngua* em nossa língua. É quando o *sinthoma* de um falasser diz alguma coisa ao

Outro e ao mesmo tempo o perturba e o convoca em algum lugar do corpo, mas fora de seu entendimento, de mau-jeito. É o que faz Lacan dizer que do mal-entendido somos todos filhos.⁷

Em segundo lugar, o analista não seria aquele que na cidade agita e faz vibrar justamente este espaço? Não é quem habita o litoral entre o mundo onírico, confuso e a luz de cada manhã de segunda feira?

No mundo da tirania da transparência de hoje, talvez não haja mais lusco-fusco, mas continuamos como analistas a tentar residir no entre-dois para, com um pouco de sorte, fazê-lo reluzir, acontecer, em uma vida. Queremos abrir cada um à *lalíngua* de seu *sinthoma* e propor a seu destino alguma consonância com esta pegada canhestra da vida que leva consigo, ainda que desconstruída e contingente. Afinal, quando as certezas da moda ou da catástrofe imperam, viver no fio do meio híbrido que nos constitui pode vir a ser aquilo que subverte, sonha e ri.

1 ROSA, J. G. (1978). Primeiras estórias. Rio de Janeiro: José Olympio, p. 5.

2 “Como morder o mar”, Opção Lacaniana, n. 67, São Paulo, EBP, dezembro de 2013, pp. 97-104.

³ Cf. Miller, J. A. Miller, J.-A. La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica. Buenos Aires: Paidós, 2003, especialmente as aulas XXI e XXII e “Teoria do parceiro”, Os circuitos do desejo na vida e na análise, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2000. Cf. ainda Lacan, J. “Joyce, o Sintoma”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 565 e 386.

⁴ Cf. Vieira, M. A. “Mordidavida”, em Opção Lacaniana, v. 65, São Paulo, 2013.

⁵ Cf. Vieira, M. A. Amor no limite. Opção lacaniana, São Paulo, 2015, p. 37-42. E Vieira, M. A. Mulher: figura impossível (ou “No litoral”). Opção Lacaniana, n. 65, São Paulo, EBP, p. 69-72, 2013.

⁶ Freud, em uma passagem destacada por Derrida a que dei lugar de honra em meu livro Restos, localiza o inconsciente entre os órgãos

⁷ Lacan, J. “Le malentendu”, lição de 10 de junho de 1980 do seminário “Dissolução”, Ornicar? N° 22/23.